ENEPEX
ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

DE BRIC A BRICS: OS MERCADOS DE CRESCIMENTO E A ARTICULAÇÃO POLÍTICA POR UMA NOVA POLÍTICA INTERNACIONAL

Hermes Moreira Júnior[1]; Mateus Brunetto Cari[2]
UFGD-FADIR, Dourados-MS, e-mail: hermesmoreira@ufgd.edu.br
[1]Professor de Relações Internacionais – UFGD; [2] PIBIC-AF/UFGD

RESUMO

A proposta desse trabalho é revisar e analisar os artigos publicados pela Goldman Sachs nos anos de 2001, 2003, 2004, 2005 e o livro "mapa do crescimento" do economista Jim O' Neil acerca dos BRICs. Essa revisão busca observar as projeções feitas, tanto na concepção do acrônimo em 2001, quanto nas projeções subsequentes. Analisando essas projeções, a problemática central é compreender as intencionalidades dos economistas ao escreverem de maneira otimista sobre a economia desses países e se elas acenavam para uma agenda política como tem sido o projeto atual do grupo. Como observado, as projeções do Banco de Investimentos tratavam das oportunidades que as grandes economias de Brasil, Rússia, Índia e China ofereciam aos mercados, além de serem expostas algumas condições para que os BRICs saíssem da situação de idealizados e em direção à concretização das projeções econômicas. Essas condições estão ligadas à necessidade da estabilidade macroeconômica, à necessidade de se desenvolver instituições eficientes, busca por abertura de mercado e o investimento para o desenvolvimento da educação. Não se tratava, portanto, da possibilidade de articulação política desses países rumo a uma nova ordem econômica e política internacional.

Palavras-chave: Goldman Sachs. BRIC. mercados de crescimento.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista as mudanças da ordem mundial a partir da abertura de mercados na década de 70 e 80, o advento da globalização e, por conseguinte, o surgimento de economias emergentes, em 2001 o economista Jim O' Neil da Goldman Sachs escreveu um artigo intitulado "construindo uma economia global melhor, os BRICs", no qual pela foi criado o acrônimo BRICs e buscava discutir a situação da economia mundial, enfatizando o relacionamento entre o G7 e alguns mercados econômicos emergentes. Propondo-se olhar de maneira mais positiva para essas economias, fazendo a previsão

de que 1,7% produto bruto mundial estará com os BRICs. Ele defende que o ambiente favorável aos BRICs se manterá e sua participação no PIB mundial tenderá a subir. Nesse artigo, O' Neil faz as primeiras projeções para o futuro dos BRICs, mostrando que a economia dos BRICs somada supera o Canadá, sendo a china a segunda economia do mundo e a índia a quarta.

Em 2003 com o artigo "Sonhando com os BRICs: o caminho até 2050", escrito por Dominic Wilson, é mostrado que nos próximos 50 anos a economia dos BRICs poderia se tornar uma força muito grande para a economia mundial. Foi feito um mapa acerca do crescimento do PIB desses países até 2050; diz o autor que os resultados são surpreendentes e, caso as coisas caminhem bem, em menos de quatro anos as economias dos BRICs juntas poderiam superar o G6.

No ano de 2004 com o artigo intitulado "os BRICs e os mercados globais", buscou-se observar mais centradamente o impacto na economia mundial caso, de fato, os BRICs idealizados nas projeções se tornarem uma realidade. Nesse artigo são expostos os detalhes de como o crescimento dos BRICs pode influenciar nas três grandes áreas do mercado: energia e petróleo, área automobilística e de capitais. Desse modo tem-se uma boa perspectiva dos tipos de oportunidades e dificuldades que poderiam estar associadas aos BRICs.

No artigo de 2005 "quão sólido são os BRICs", o autor mostra que o crescimento desses países superou as projeções iniciais, desse modo os BRICs tem condições de realizarem o "sonho" mais rápido do que fora pensado em 2003. A partir de uma visão das características dos BRICs é possível perceber que a economia desses países está a frente de muitas outras economias em desenvolvimento, sejam grandes ou pequenas.

O presente trabalho tem, portanto, o objetivo de revisar as projeções feitas acerca dos BRICs ao longo dos anos, buscando entender as intenções dos economistas ao dissertarem sobre esses países, observando se os BRICs, de fato, saíram do papel e transformaram as projeções em resultados reais.

1 – PROJEÇÕES ECONÔMICAS SOBRE OS BRICs PARA OS ANOS 2000

No ano de 2001 os economistas da Goldman Sachs iniciaram as projeções sobre os BRICs. Essas projeções caracterizaram como a economia dos BRCs se desenvolveria até o ano de 2050. Naquele ano Jim O' Neil fez uma apresentação do quanto a participação dos BRICs n PIB mundial tenderá a crescer, inclusive em termos de Paridade de Poder de Compra (PPC). Em 2003 essas projeções são levadas a um nível superior, em que se analisou mais amplamente o caminho dos BRICs até 2050. No ano de 2004 os economistas analisaram o impacto nos mercados globais, caso, de fato, os BRICs alcançassem as projeções iniciadas outrora. Em 2005 é exposto que, no ano em

questão, os BRICs haviam superado as expectativas e a discussão passa a ser se os BRICs idealizados nas projeções se tornariam realidade.

1.1 – Building better global economic BRIC: As projeções de O´Neill e o nascimento dos BRIC

Em termos de **PPC**, ainda no fim de 2000, os BRICs detinham por volta de 23.3% do PIB mundial. Apesar de que em termos de PIB, os BRICs não passam dos 8%, esse número tende a crescer. O' Neil chama a atenção para o fato de que alguns BRICs já são maiores que economias do G7. É observado que os BRICs crescerão de 8.0% para 14.2% em termos de PIB e de 23.3% para 27.0% em termos de PCC.

É analisado separadamente o Brasil, Rússia, Índia e China e mostra que, excetuando-se o Brasil, suas economias são três vezes maiores quando se trata de PCC e que a China é a segunda economia do mundo, a Índia a quarta e as quatro juntas superam o Canadá. Nesse contexto, o autor demonstra que essas estimativas levantarão questões importantes acerca das políticas monetárias e fiscais globais, além da necessidade de uma política econômica internacional comum e cooperação política constituída em bases reais.

Para 2001 e 2002 estimou-se que a China tenha um crescimento do PIB e que a inflação baixa continue, além disso o PIB de Índia e Rússia crescerá mais que no G7. Jim O' Neil mostra que, se essa projeção for jogada para os próximos anos seguidos de 2001, em 2011 a China já seria maior que a Alemanha; Brasil e a Índia não ficariam muito atrás da Itália.

Jim O' Neil propõe que o G7 deveria se tornar um G9 sendo um espaço criado a fim de permitir políticas econômicas globais mais efetivas. A inclusão da China é mais irresistível, ao passo que a inclusão dos outros BRICs é menos clara, mas nos cenários propostos para o futuro, a inclusão dos outros três seria tão precisa quanto a do Canadá e tão necessária quanto a da Itália.

1.2 – Dreaming With BRIC: the path 2050: projeções de um crescimento audacioso

Por volta de 2/3 do aumento do PIB em dólar dos BRICs deveriam vir de um crescimento real de tal PIB. As taxas de câmbio reais dos BRICs poderiam ser avaliadas acima dos 300% nos próximos 50 anos, por volta de 2.5% ao ano. Contudo, em termos individuais os BRICs continuariam mais pobres que as economias individuais do G6, excetuando-se a Rússia e a China. Segundo o que é exposto por Dominic Wilson, em 2009 o crescimento anual dos BRICs em dólares poderia ser maior que do G6 e mais do dobro, em dólares, do que é agora. Acredita-se que um maior crescimento da economia dos BRICs pode compensar o impacto de populações mais velhas e um crescimento mais lento das economias avançadas.

Projected US$GDP												
2003 $US bn	BRICs				G6							
	Brazil	China	India	Russia	France	Germany	Italy	Japan	UK	US	BRICs	G6
2000	762	1078	469	391	1,311	1,875	1,078	4,176	1,437	9,825	2,700	19,702
2005	468	1724	604	534	1,489	2,011	1,236	4,427	1,688	11,697	3,330	22,548
2010	668	2998	929	847	1,622	2,212	1,337	4,601	1,876	13,271	5,441	24,919
2015	952	4754	1411	1232	1,767	2,386	1,447	4,858	2,089	14,786	8,349	27,332
2020	1333	7070	2104	1741	1,930	2,524	1,553	5,221	2,285	16,415	12,248	29,928
2025	1695	10213	3174	2264	2,095	2,604	1,625	5,567	2,456	18,340	17,345	32,687
2030	2189	14312	4935	2980	2,267	2,697	1,671	5,810	2,649	20,833	24,415	35,927
2035	2871	19605	7854	3734	2,445	2,903	1,708	5,882	2,901	23,828	34,064	39,668
2040	3740	26439	12367	4467	2,668	3,147	1,788	6,039	3,201	27,229	47,013	44,072
2045	4794	34799	18847	5156	2,898	3,381	1,912	6,297	3,496	30,956	63,596	48,940
2050	6074	44453	27803	5870	3,148	3,603	2,061	6,673	3,782	35,165	84,201	54,433

GS BRICs Model Projections. See text for details and assumptions.

O autor defende que a economia sofrerá mudanças drásticas nos próximos 50 anos. O ponto principal que Wilson defende é a importância de se pensar no desenvolvimento global focando em processos chaves da globalização, os quais são, na visão do autor, importantes para os investidores em uma perspectiva de longo prazo. Pensando no crescimento geral dos BRICs, os emergentes se tornariam grandes forças da economia. A perspectiva é que a economia indiana poderá ser maior que a do Japão por volta de 2032, e a da China maior que a dos EUA já em 2041. Somando os BRICs, suas economias superariam o G6 em 2039.

A suposição central que envolve essas projeções é que os BRICs manterão políticas de apoio ao crescimento. As conclusões do autor acerca das previsões estão situadas em cinco tópicos principais: 1- dimensão econômica; 2-crescimento econômico; 3- rendimentos e demografias; 4- padrões de demanda global; 5- movimentos cambiais.

1.2.1 – Dimensão econômica

Estima-se que em menos de 40 anos as economias dos BRICs somadas poderiam ser maior que a do G6 em dólares. A China poderá superar a Alemanha nos próximos quatro anos (a partir de 2003), também superará o Japão em 2015 e os EUA em 2039. A economia da índia poderá ser a maior de todas, excetuando EUA e China. A Rússia, por sua vez, superaria a Alemanha, França, Itália e Reino Unido. Desse modo, considerando-se o atual G6, somente Japão e EUA estarão entre as seis maiores economias do mundo em 2050.

1.2.2 - Crescimento econômico

O autor expõe que a Índia tem potencial para mostrar o mais rápido crescimento nos próximos 30 e 50 anos; em números esse crescimento poderá ser maior que 5% em 30 anos. Wilson expõe, ainda, que possivelmente o crescimento dos BRICs pode sofrer um processo de lentidão nesse período, acreditando-se que somente a Índia poderia registrar uma taxa de crescimento a cima dos 3%. Portanto a Índia mostraria o maior crescimento potencial dos BRICs.

BRICs Real GDP Growth: 5-Year Period Averages				
%	Brazil	China	India	Russia
2000-2005	2.7	8.0	5.3	5.9
2005-2010	4.2	7.2	6.1	4.8
2010-2015	4.1	5.9	5.9	3.8
2015-2020	3.8	5.0	5.7	3.4
2020-2025	3.7	4.6	5.7	3.4
2025-2030	3.8	4.1	5.9	3.5
2030-2035	3.9	3.9	6.1	3.1
2035-2040	3.8	3.9	6.0	2.6
2040-2045	3.6	3.5	5.6	2.2
2045-2050	3.4	2.9	5.2	1.9

O quadro a cima representa o crescimento da Índia a cima dos demais BRICs a partir do ano de 2010.

1.2.3 - Rendimentos e demografias

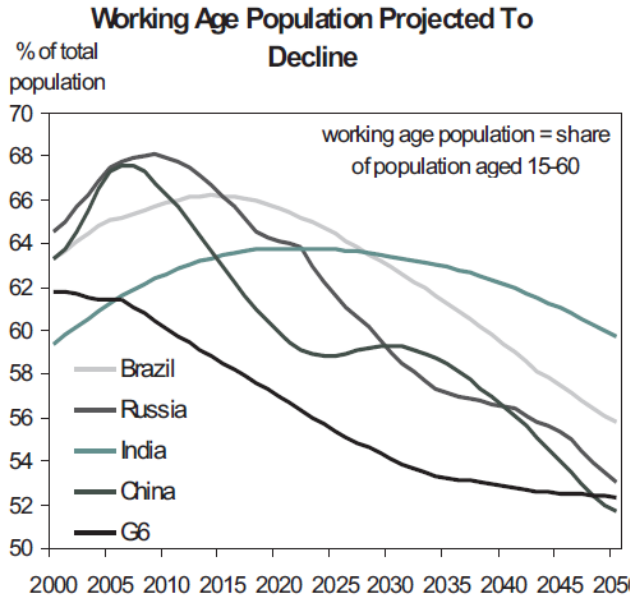
O autor expõe que apesar dos BRICs desfrutarem de um crescimento consideravelmente rápido, os indivíduos continuarão mais pobres que os indivíduos do G6 no ano de 2050. A Rússia é a exceção. A renda per capta chinesa poderia ser similar em 2050 ao o que possuem hoje os indivíduos de países desenvolvidos.

A questão da demografia desempenha um papel importante no mundo em mudança; dentro dos BRICs os impactos da demografia variam muito bem, pois o declínio da idade de trabalho da população é projetada para terminar mais tarde do que em economias desenvolvidas. A demografia contribui mais para o crescimento no Brasil e na Índia e, por outro lado, trava o crescimento na Rússia, onde se encontra uma força de trabalho em decadência.

Os dois quadros a baixo demonstram a menor renda per capta dos BRICs frente às economias do G6 e o declínio da população em idade hábil para trabalhar, respectivamente.

Projected US$GDP Per Capita										
2003 US$	BRICs				G6					
	Brazil	China	India	Russia	France	Germany	Italy	Japan	UK	US
2000	4,338	854	468	2,675	22,078	22,814	18,677	32,960	24,142	34,797
2005	2,512	1,324	559	3,718	24,547	24,402	21,277	34,744	27,920	39,552
2010	3,417	2,233	804	5,948	26,314	26,877	23,018	36,172	30,611	42,926
2015	4,664	3,428	1,149	8,736	28,338	29,111	25,086	38,626	33,594	45,835
2020	6,302	4,965	1,622	12,527	30,723	31,000	27,239	42,359	36,234	48,849
2025	7,781	7,051	2,331	16,652	33,203	32,299	28,894	46,391	38,479	52,450
2030	9,823	9,809	3,473	22,427	35,876	33,898	30,177	49,944	41,194	57,263
2035	12,682	13,434	5,327	28,749	38,779	37,087	31,402	52,313	44,985	63,017
2040	16,370	18,209	8,124	35,314	42,601	40,966	33,583	55,721	49,658	69,431
2045	20,926	24,192	12,046	42,081	46,795	44,940	36,859	60,454	54,386	76,228
2050	26,592	31,357	17,366	49,646	51,594	48,952	40,901	66,805	59,122	83,710

GS BRICs Model Projections. See text for details and assumptions.



1.2.4 - Padrões de demanda global

Diz-se que, ao ano de 2009, o aumento anual de gastos em dólar pelos BRICs poderia ser maior que os gastos do G6, ao passo que no ano de 2025 poderia ser o dobro e quatro vezes maior em 2050.

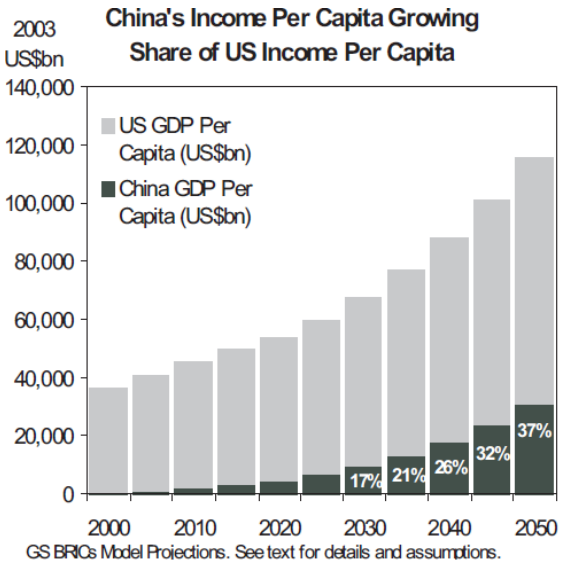
1.2.5 - Movimentos cambiais

Explana o autor que o aumento das taxas de câmbio poderia contribuir para o aumento do PIB dos BRICs em dólar; cerca de 1/3 do aumento do PIB dos BRICs viria do aumento das moedas. Acredita-se que a taxa de câmbio real dos BRICs poderia subir em até 300% nos 50 anos que seguem após 2003. A moeda chinesa, se o crescimento continuasse e a taxa de câmbio flutuasse livre, poderia dobrar em 10 anos.

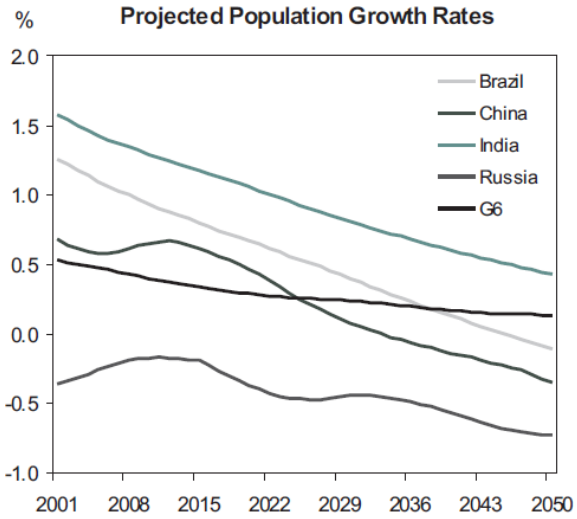
Em uma apresentação individual, Wilson expos que o Brasil terá o PIB crescendo em 3,6% nos próximos 50 anos, levando o tamanho da sua economia a superar a Itália em 2025, a França em 2031, Reino Unido e Alemanha em 2036.

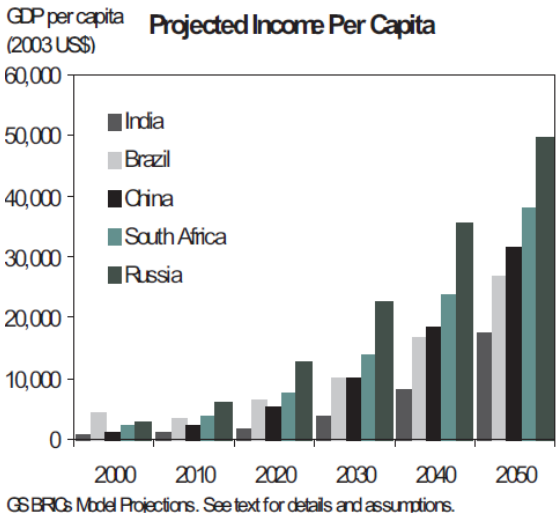
Para a China, Wilson demonstra que as taxas de crescimento do PIB cairão para 5% em 2020 de um crescimento projetado em 8,1% em 2003. Por volta de 2040, o crescimento terá uma desaceleração atingindo 3,5%. Ainda assim, somando-se a altas taxas de investimento, uma ampla força de trabalho, a China se tornaria a maior economia do mundo em 2041.

Se, por um lado, vemos a China superar os EUA como maior economia do mundo em 2041, por outro vemos que seu PIB per capta (gráfico a baixo) não superará aqueles nem em 2050. Desse modo, não se pode confundir crescimento econômico com riqueza, a qual é media em PIB per capta.



Na Índia o crescimento do PIB se manterá nos próximos 50 anos por volta dos 5%. O PIB da Índia superará o do Japão em 2032. O país será o único que manterá o crescimento populacional nos próximos 50 anos. A Índia tem potencial para crescer seu PIB per capta em 35 vezes do que é hoje, contudo, seu PIB per capta ainda será menor do que os outros países.





Os dois gráficos a cima representam o crescimento populacional e o PIB per capta na Índia, respectivamente.

Quanto a Rússia, os problemas acerca das projeções referem-se a escassez de sua população. Contudo, fortes taxas de crescimento trabalham para benefício do país e, desse modo, por volta de 2050 a renda per capta do país será a mais alta dos BRICs e será comparada ao G6. A economia russa superará a da Itália em 2018, a da França em 2024, a do Reino Unido em 2027 e a da Alemanha em 2028.

Em 2040 o PIB per capta da Rússia já superará o da Itália. E em 2050 já terá superado a Alemanha. Como apresentado no quadro a baixo.

Projected US$GDP Per Capita										
2003 US$	BRICs				G6					
	Brazil	China	India	Russia	France	Germany	Italy	Japan	UK	US
2000	4,338	854	468	2,675	22,078	22,814	18,677	32,960	24,142	34,797
2001	3,381	910	457	2,633	22,143	22,545	18,895	31,775	23,860	35,373
2002	2,726	979	458	2,611	22,461	22,659	19,224	34,297	25,003	36,312
2003	2,530	1,051	486	2,976	23,047	23,059	19,920	34,322	26,042	37,470
2004	2,364	1,181	520	3,305	24,080	23,856	20,881	34,290	27,333	38,735
2005	2,512	1,324	559	3,718	24,547	24,402	21,277	34,744	27,920	39,552
2006	2,668	1,478	602	4,142	24,968	24,986	21,629	35,292	28,509	40,346
2007	2,835	1,646	647	4,570	25,321	25,512	21,960	35,587	28,986	41,004
2008	3,015	1,827	695	5,013	25,650	25,998	22,300	35,751	29,492	41,655
2009	3,209	2,023	748	5,470	25,975	26,452	22,649	35,917	30,043	42,304
2010	3,417	2,233	804	5,948	26,314	26,877	23,018	36,172	30,611	42,926
2040	16,370	18,209	8,124	35,314	42,601	40,966	33,583	55,721	49,658	69,431
2041	17,191	19,315	8,810	36,684	43,363	41,727	34,169	56,591	50,569	70,713
2042	18,037	20,443	9,544	38,057	44,151	42,499	34,787	57,507	51,509	72,040
2043	18,935	21,635	10,326	39,386	44,998	43,291	35,442	58,448	52,470	73,401
2044	19,904	22,892	11,160	40,706	45,893	44,110	36,133	59,419	53,434	74,805
2045	20,926	24,192	12,046	42,081	46,795	44,940	36,859	60,454	54,386	76,228
2046	21,964	25,530	12,988	43,463	47,706	45,759	37,627	61,583	55,331	77,680
2047	23,040	26,891	13,988	44,832	48,640	46,559	38,430	62,774	56,275	79,171
2048	24,152	28,321	15,050	46,280	49,601	47,346	39,237	64,035	57,211	80,677
2049	25,318	29,810	16,174	47,871	50,589	48,142	40,061	65,376	58,169	82,196
2050	26,592	31,357	17,366	49,646	51,594	48,952	40,901	66,805	59,122	83,710

GS BRICs Model Projections. See text for details and assumptions.

Vista todas essas projeções, Wilson expõe que, para alcançá-las, faz-se necessário atender algumas precondições. Primeiro trata-se da estabilidade macroeconômica, pois a macroeconomia desestabilizada implica em distorção de preços e incentivos, prejudicando o crescimento. Um exemplo claro da necessidade de estabilização da macro, como expõe o autor, é a super inflação que assolou o Brasil nos anos 1990, chegando aos 548% de inflação. Outra precondição é referente às instituições, as quais são, como apresenta o autor, tão eficientes quanto a tecnologia no processo de crescimento, ou seja, melhores instituições permitem que uma economia produza os mesmos resultados com menos importações. Wilson também trata da abertura, no que tange abertura de mercados e os investimentos diretos aumentam a possibilidade de acesso a produtos importados, além de novas tecnologias e maiores mercados, fatores importantes para o crescimento. Finalmente a educação é outra precondição para o crescimento, pois, na medida em que as economias crescem rapidamente, faz-se necessária a especialização da mão de obra.

1.3 – The BRIC and global markets: os novos mercados de crescimento

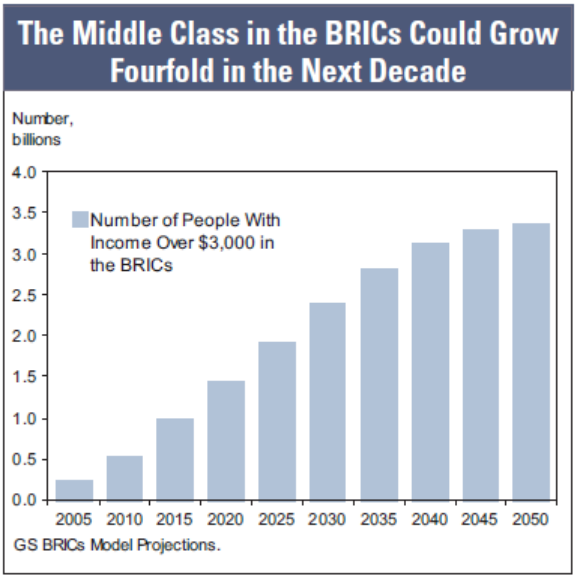
No ano de 2004 a Goldman Sachs publicou artigo "BRICs e os mercados globais", no qual foram propostas algumas conclusões acerca do impacto do crescimento dos BRICs nos mercados globais; essas conclusões foram distribuídas em cinco tópicos:

1.3.1 - Os BRICs e o mundo

Nesse contexto, é exposto que nos próximos anos o desenvolvimento dos BRICs – particularmente o contínuo processo de industrialização na China e na Índia. – poderá elevar o as tendências de crescimento mundial para 4%. Desse modo, com os BRICs o crescimento mundial poderia subir de 20% em 2003 para mais de 40% em 2025. Assim, o peso dos BRICs na economia mundial poderia subir de menos de 10% no ano de 2004 para mais de 20% dentro de vinte anos.

1.3.2 - Os BRICs e o crescimento da classe média

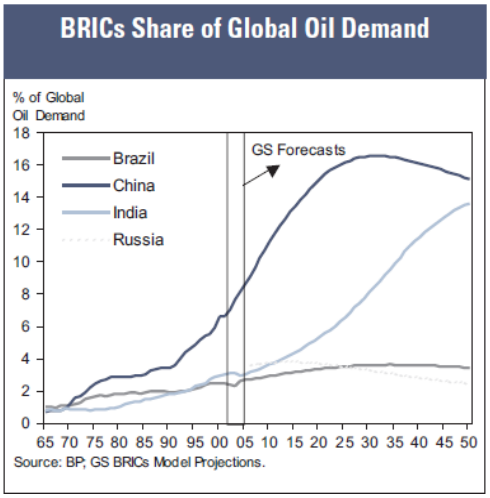
Ao se trabalhar com a abordagem da classe média, os economistas preveem um aumento de renda para 3.000 dólares nos BRICs, caracterizando a margem para entrar na classe média, o que poderia ser dobrado em três anos. Na china o número de pessoas com a renda próxima aos 3.000 dólares estará 10 vezes maior na próxima década e 14 vezes maior na Índia. Até o ano 2025 poderá haver mais de 200 milhões de pessoas dessas economias com rendas entorno de 15,000 dólares. Quanto aos indivíduos mais ricos, esses se encontrarão no G6 com renda superior a 35,000 dólares, ao passo que nos BRICs, apenas 24 milhões de pessoas terão essa renda. O gráfico a baixo demonstra o crescimento da classe média nos BRICs



1.3.3 - Os BRICs e os mercados globais de energia

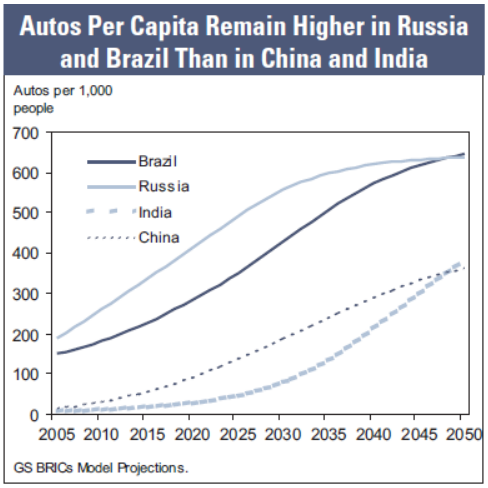
Nesse ponto trata-se do crescimento da demanda global por energia e petróleo. Essa demanda global poderá se tornar muito forte nos próximos 15 anos, visto que a industrialização da China cresce e da Índia segue logo atrás, aumentando a pressão por crescimento de demanda de energia e petróleo. Segundo o que é exposto pelos economistas, a contribuição da china deve manter-se alta, contudo terá seu pico em 5-10 anos e em seguida declinará. O impacto da Índia, por outro lado, se tornará gradualmente mais importante, ao passo que, em 15 anos, a sua contribuição para

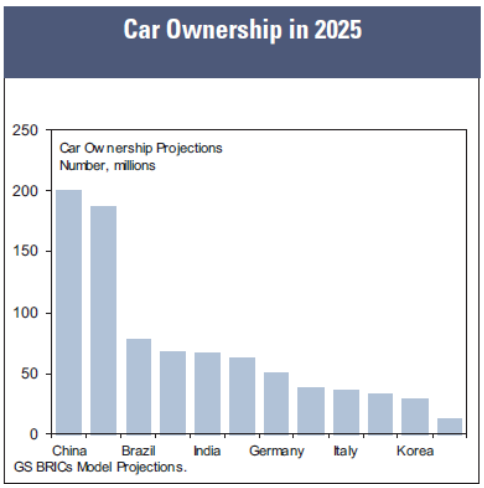
crescimento da demanda global superará a da China. Remetendo-se ao Brasil e a Rússia, os economistas demonstram que os dois países poderão se tornar mercados importantes, pois cada um caminha para superar o Japão em consumo de petróleo já no ano de 2020. Desse modo, esse processo levará a uma duplicação de demanda. O gráfico a baixo demonstra a parcela de cada BRIC na demanda global de petróleo



1.3.4 - O BRICs e o mercado automobilístico

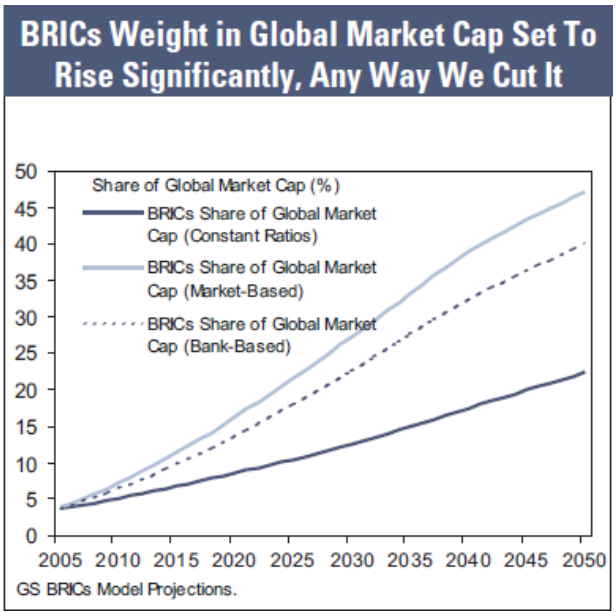
Nessa abordagem é mostrado que a China se aproxima rapidamente do ápice do seu crescimento no mercado automobilístico. Desse modo, a propriedade de carros poderá aumentar em quase cinco vezes na próxima década, atingido seu pico nos próximos anos. os economistas mostram que Índia e China ocuparão, respectivamente, o segundo e o primeiro lugar no mercado automobilístico. Na Rússia onde a propriedade de carro já é maior, se o crescimento continuar, o número de carros nas estradas russas deve dobrar e será comparado ao Japão, já na próxima década. Por isso, o crescimento da demanda global automobilística deve acelerar o movimento dos BRICs através do ponto ideal para gastos de consumos duráveis, chegando ao pico por volta de 20 anos. Os dois gráficos a baixo ilustram o numero de carros por pessoa e onde há maior propriedade de carros, respectivamente.





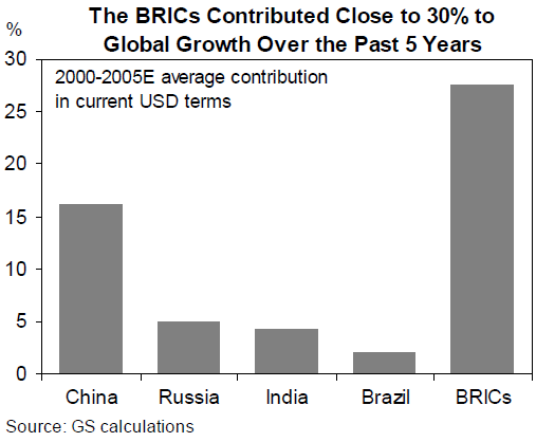
1.3.5 - Os BRICs e os mercados globais de capital

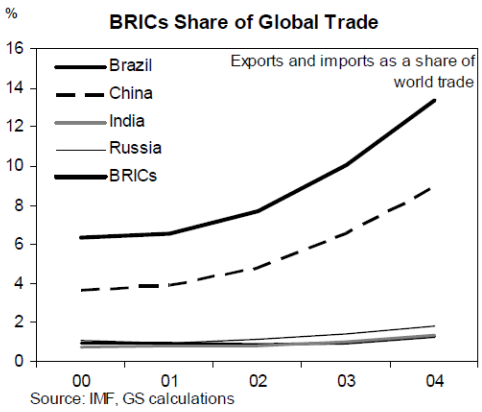
Nesse tópico os economistas da Goldman Sachs mostram que a importância dos BRICs no crescimento global de ações crescerá de 3,5% nos números atuais, para 10% em 2020, dependendo da extensão do desenvolvimento dos mercados de capitais. Se os BRICs escolherem, segundo a visão dos economistas, uma abordagem voltada para mercados de finanças coorporativas, sua parcela poderia chegar aos 17%. É também exposto que na economia dos BRICs os mercados de capitalização poderão aumentar em quatro vezes 4 trilhões de dólares, com um amplo aumento na atividade de mercados de capitais; nesse contexto, Índia e China tomarão 60% desse valor sozinhas. O gráfico a baixo mostra a parcela dos BRICs nos mercados de capital.



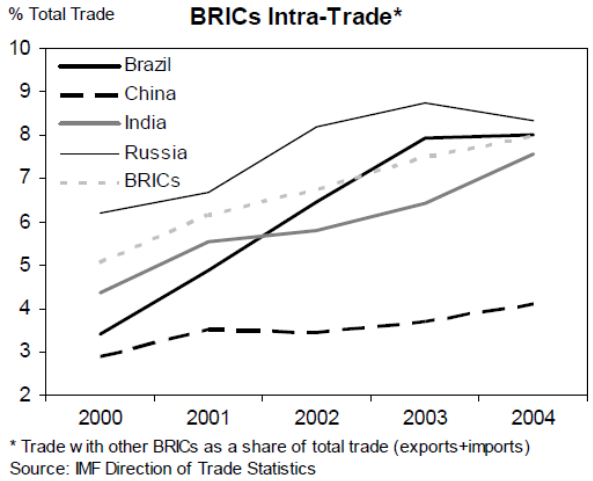
1.4 – How solid are the BRIC: de emergente a emersos

No artigo "quão sólido são os BRICs?" escrito pelo economista Jim O' Neil verifica-se que o impacto dos BRICs na economia mundial continuou a crescer, tomando múltiplas dimensões tanto para o crescimento global, quanto para o comércio. Entre 2000 e 2005, os BRICs contribuíram em aproximadamente 28% do crescimento global, e 55% em termos de paridade de poder de compra (PPC). A parcela dos BRICs no comércio global continua a ter taxas crescentes, tento uma taxa vigente de 15% (em 2005), o dobro do que fora em 2001. A estimativa do autor era que em 2002 a china elevasse seu PIB em 7%, desse modo projeta-se que o PIB chinês contribuirá 0.88% para o crescimento do PIB mundial. Os dois gráficos a baixo representam a parcela dos BRICs no crescimento global e do comércio, respectivamente.

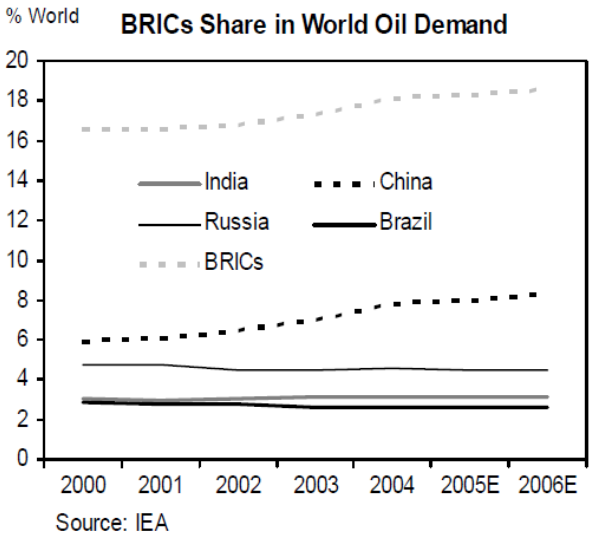


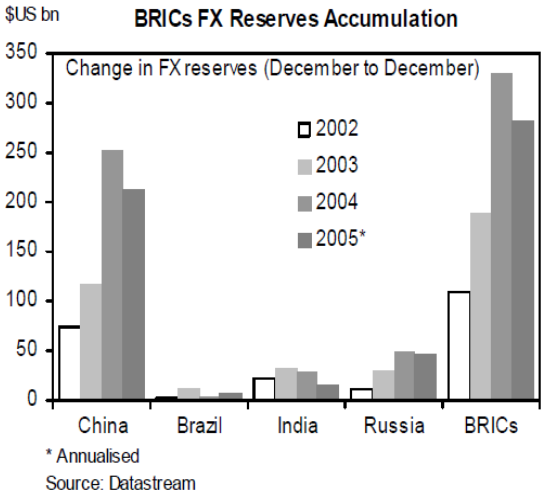


Também é apresentado que o comércio entre os BRICs acelerou; assim seu comércio passou para aproximadamente 8%, comparado com 5% do ano 2000. Isso se exemplifica no forte aumento das relações comerciais brasileiras com a China e, em contra partida, compromissos de investimentos chineses no Brasil. O gráfico a baixo representa o aumento das negociações entre os próprios BRICs.



O autor também aborda os fluxos de capitais, mostrando que os BRICs tem parte importante no desenvolvimento das finanças globais. Segundo o autor, as últimas estimativas mostram que os BRICs somam mais de 30% das reservas mundiais, sendo a China a principal contribuidora. Quanto aos mercados, a parcela dos BRICs pela demanda de petróleo vem crescendo rapidamente, com uma participação de 18% e deve aumentar mais no próximo ano. O próximo gráfico ilustra esses números dos BRICs em termos de participação na demanda mundial de petróleo e nas reservas de fluxos de capital, respectivamente.





1.5 – O Mapa do Crescimento

Na revisão geral das projeções, feita através do livro "Mapa do Crescimento", Jim O' Neil expõe que um dos grandes fatores para o desenvolvimento econômico e a possibilidade dos BRICs se tornarem potencialmente as maiores economias está no poder da demografia desses países. Juntos eles somam 3 bilhões de pessoas, quase a metade da população mundial. O autor defende que quanto mais pessoas trabalham, mais fácil se torna para uma economia crescer. Isso se estabelece na seguinte lógica: mais pessoas trabalham, logo mais pessoas ganham salários e rendas, que são base para o consumo.

Outro fator do desenvolvimento exposto por Jim O' Neil é a produtividade, pois quanto mais um grupo de trabalhadores puder produzir com uma certa quantia de insumos, mais rápido a economia crescerá. No quesito produtividade, os países em desenvolvimento se saem melhor que os países desenvolvidos, isso se caracteriza da seguinte maneira: "os países com uma força de trabalho mais jovem e em crescimento, e que estão se tornando cada vez mais eficientes, mostrarão os maiores ganhos em PIB real" (Mapa do crescimento; p. 38). A proposta basilar aqui é que o desenvolvimento é parte da associação da demografia com melhoras de produtividade. Nesse contexto, o autor expõe alguns pontos necessários para se alinhar demografia e produtividade, tais como: um cenário macroeconômico estável, ou seja, manter a inflação baixa e as contas públicas em ordem; instituições políticas fortes e estáveis; abertura de comércio a investimentos estrangeiros diretos; adaptação às tecnologias modernas e altos níveis educacionais.

Essa revisão de Jim O' Neil reforça as precondições expostas em 2003 para se alcançar as projeções feitas. Desse modo ele expõe que, para potencializar o crescimento, é necessário que ocorra melhoras nas variáveis micro e macroeconômicas, correlacionando-as através do índice GES. Jim O' Neil defende que os BRICs só

atingirão sua capacidade máxima de desenvolvimento melhorando seus respectivos índices GES.

A partir dessa revisão de 2010 busquemos expor o que Jim O' Neil escreveu acerca de cada BRIC.

Primeiramente falaremos do Brasil. Jim O' Neil expõe que o Brasil é o mais popular dos BRICs no que tange investimento estrangeiro direto. O autor defende que o Brasil não sucumbiu à crise econômica de 2008, mas ao contrário, o país administrou a crise e se recuperou facilmente, devido às políticas estáveis nas décadas anteriores, as quais deram margem para a implementação de políticas expansionistas. Esse processo de superação da crise levou a um maior interesse de mercados no país. Contudo, como teme Jim O' Neil, essa riqueza do país foi gerada pelas commodities e com altas taxas de juros, o que pôde ter levado a economia a uma rápida valorização da moeda e, possivelmente, poderá afetar a perspectiva manufatureira da economia.

Os maiores desafios para o desenvolvimento do país estão nas variáveis macroeconômicas: melhorias na infraestrutura, na educação e no uso das tecnologias. Desse modo o caminho para o desenvolvimento econômico pleno ainda é longo, como expõe Jim O' Neil:

> O país terá que reverter os gastos liberados para contrabalançar os efeitos da crise financeira, aumentar seu papel no comercio internacional e expandir o investimento no setor privado. Apesar do aumento no investimento estrangeiro direto, o Brasil continua mais fechado ao comércio mundial do que deveria. O governo precisa encorajar suas empresas a explorar mais oportunidades internacionais. Estimular com mais vigor o investimento do setor privado será difícil, uma vez que as taxas de juros ainda estão extremamente altas, a despeito da longa batalha de sucesso para estabilizar a inflação. (ONEIL Jim, 2012, p. 63).

Quanto a Rússia, o principal questionamento refere-se a sua demografia desfavorável, sua dependência de energia e das matérias-primas e o seu histórico ruim quanto à governança e a estrutura jurídica. Contudo, Jim O' Neil expõe que a Rússia tem potencial para ter um PIB per capta maior que os outros BRICs e mais alto que os demais países europeus.

Conseguindo reverter esse quadro desfavorável quanto a questão demográfica, a Rússia terá suas perspectivas econômicas melhoradas. O PIB do país poderia chegar a 7 trilhões em 2050. Esse crescimento pode ser incrementado se a Rússia "encampar o melhor da tecnologia ocidental e se tornar um ambiente mais hospitaleiro para o investimento estrangeiro." (ONEIL Jim, 2012, p. 72)

Para a Índia, por outro lado, a demografia é muito favorável, pois além de ser muito grande é, também, muito jovem. Desse modo a índia tem condições de aumentar seu PIB e superar todos os BRICs. Contudo, dentre os BRICs, a Índia tem o menor

índice de ambiente de crescimento. Devido, em grande medida, às práticas políticas obsoletas e um ressentimento com práticas políticas ocidentais, pois as lideranças não querem uma mudança de fato.

Outro problema que pesa contra a Índia é o fato de suas regiões serem muito autônomas, deixando o governo central incapacitado de ditar uma política; "há vozes e opiniões em conflito na Índia, não um único objetivo como na China." (ONEIL Jim, 2012, p. 83).

Cercada por uma forte burocracia estatal, a Índia é a que menos atrai investimento estrangeiros. Esse quadro poderia se transformar caso o país permitisse a entrada de empresas estrangeiras, contudo os políticos, preocupados com os efeitos na sociedade indiana, se pautam no protecionismo e bloqueiam empresas estrangeiras. O país precisa, segundo Jim O' Neil, se abrir mais ao comércio internacional. Desse modo, aliando esses processos à necessidade de expansão da educação básica, bem como de acesso à saúde e uma melhoria de infraestrutura, a Índia poderia ter alguma chance de alcançar seu enorme potencial.

Ao falar da China, Jim O' Neil expõe que todo processo de crescimento está na estratégia de inserção global do país a partir da abertura econômica e de relações com o mundo na década de 80. O autor demonstra que em termos econômicos a China tem uma taxa de inflação estável, além de uma boa posição financeira externamente.

Jim O' Neil responde às afirmativas contra a China de que ela terá o mesmo fim do Japão na década de 80, o qual de possível competidor frente aos EUA, sequer superou o PIB americano, devido, diretamente, ao estouro de uma bolha imobiliária no país, dizendo que a China não passará por isso, afinal há muita população para se urbanizar e ocupar as moradias vagas.

Desse modo, a China terá um bom ambiente para inovação e tecnologia, levando o país a aumentar sua participação no comércio internacional. Associado a isso, a China passa a investir na internacionalização de suas empresas. As filiais dessas empresas são instaladas estrategicamente em países com recursos estratégicos e commodities. Portanto, o país, caso continue nesse caminho, terá possibilidades de alcançar as precondições para chegar ao desenvolvimento idealizado nas projeções.

2 – TRAJETÓRIA DOS BRICs NOS ANOS 2000

As mudanças na ordem global, decorrentes de um processo de desfiguração dos Estados Unidos da América como principal hegemonia, trouxeram consigo a emergência de novas economias que, na visão de Jim O' Neil, serão os pilares da economia mundial no futuro. Desse modo, observar e compreender o crescimento desses países – os BRICs – é necessário para melhor se analisar o futuro da nova ordem global.

2.1 – crescimento do PIB e participação no PIB mundial.

Desde o início das projeções acerca dos BRICs, o otimismo dos economistas da Goldman Sachs sempre tendeu a aumentar, na medida em que, com o passar dos anos, os BRICs continuavam a crescer dentro das estimativas esperadas.

Um índice fundamental desse crescimento é o PIB. Seu crescimento é fundamental para se aferir o quanto cresce uma economia; a participação do PIB de um determinado país na economia mundial caracteriza o quanto a economia global depende do PIB desse país. Portanto, para entender o aumento da importância dos BRICs na economia global, analisarem, a partir de 2000, o crescimento do PIB desses países e suas respectivas participações no PIB mundial.

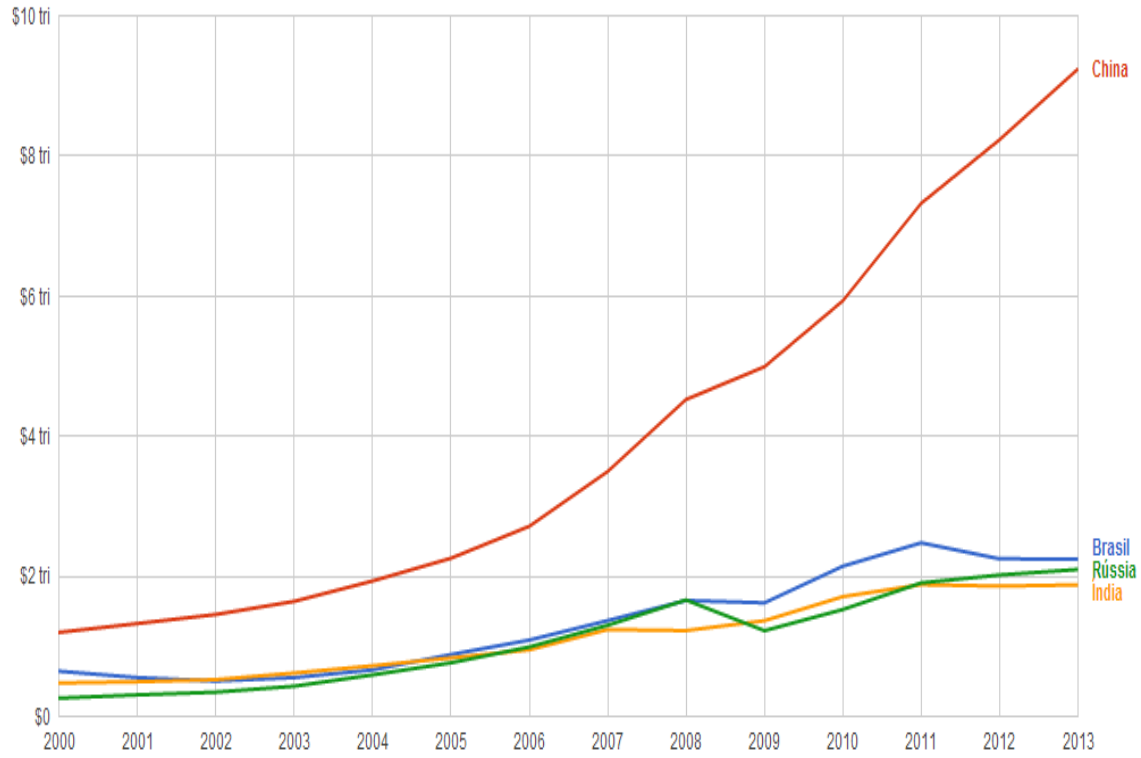
A China teve, do ano de 2000 a 2010, uma taxa crescimento a cima de 8% ao ano. O crescimento do PIB em dólares vai de 1,1985 trilhão no ano de 2000, para mais de 9 trilhões em 2013, segundo dados do banco mundial.

A Índia, no ano 2000, obteve 4.03% de taxa de crescimento, a qual sofreu uma baixa no ano de 2002 com 3.77%. de 2003 a 20010 o país manteve taxas de crescimento a cima dos 8%, com exceção de 2008 em que as taxas baixaram para 4.93%. Quanto ao crescimento, em dólares, do PIB indiano em 2000, segundo dados do banco mundial, era de 476,6091 bilhões, subindo para 1,2387 trilhão em 2007, sofrendo queda para 1,2241 trilhão no ano seguinte e atingiu 1,8768 trilhão no ano de 2013.

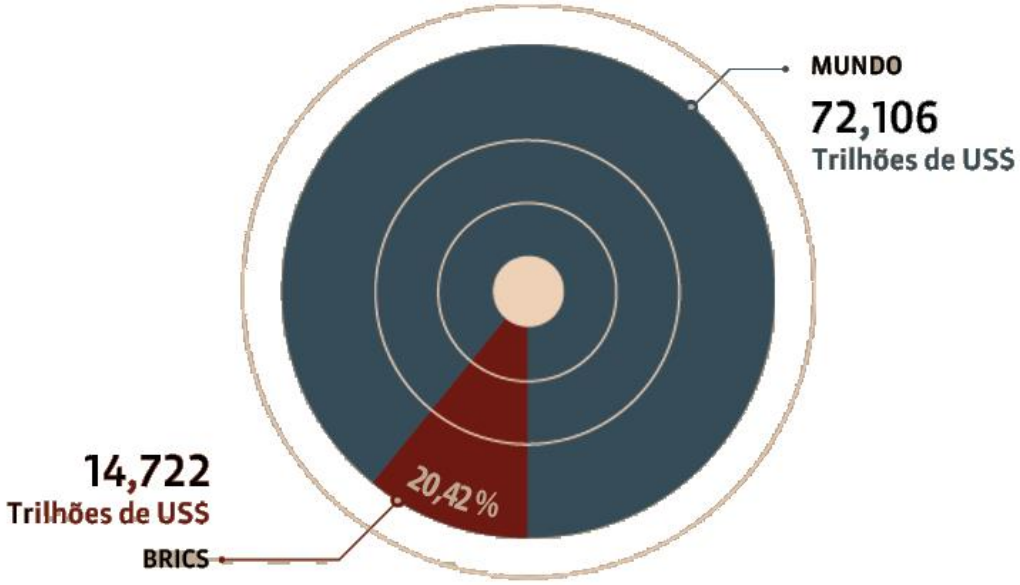
A taxa de crescimento da Rússia saiu de números negativos, os quais chegavam aos 8%, na década de 90, para um crescimento de 10% em 2000 e taxas que se mantiveram a cima dos 4% nos anos seguintes, chegando a atingir 8% em 2006 e 2007. Contudo o país passou por uma nova baixa no ano de 2009, atingindo a negativa de 7.1% em decorrência da crise econômica mundial. Em 2010 a taxa de crescimento não passou de 4.03%. Quanto ao crescimento do PIB em dólares, a Rússia no ano de 2000 atingiu 259,7085 bilhões, desde então manteve números crescentes, chegando a 1,6608 trilhão em 2008. No ano seguinte teve uma queda para 1,2226 trilhão e, a partir de 2009, manteve o crescimento do PIB, atingindo 2,0968 trilhões em 2013.

O Brasil em 2000 atingiu 4.31% na sua taxa de crescimento. Essa taxa se manteve a baixo dos 3% até 2003. No a no seguinte, atingiu 5.71%, decaindo para 3.16 e 3,96% em 2005 e 2006, respectivamente. A taxa de crescimento voltou a subir em 2007 6.9%, com leve queda em 2008 5.16% e com brusca queda em 2009 (0.64%) devido à crise econômica mundial. O PIB em dólares no ano de 2000 era de 644,7018 bilhões, sofreu dois anos de queda, 553,5822 bilhões (2001), 504,2212 bilhões (2002). A partir de 2003 manteve-se continuo, atingindo, em 2008, 1,6535 trilhão. Em 2009 ocorreu uma queda para 1,6202 trilhão e, posteriormente manteve uma alta constante, atingindo seu pico em 2011 com 2,4767 trilhões. Em 2013 não passou dos 2,2457 trilhões.

O gráfico a baixo mostra a linha de crescimento de cada PIB dos BRICs até o ano de 2013. Desse modo observamos os países em ordem decrescente com China, Brasil, Índia e Rússia.



Quanto a participação dos BRICs no PIB mundial, se adicionarmos ao grupo a África do Sul – tema do próximo capítulo – esses países detinham 9% do PIB global em 2003. No ano de 2009 esse número subiu para 14% e em 2010 atingiu a marca de 18%, segundo dados do IPEA. O gráfico abaixo aponta os BRICS – Incluindo África do Sul – com 20,42% do PIB mundial, segundo dados do FMI.



2.2 – Investimento externo direto.

Os BRICs, a partir de 2000, se tornaram mais atrativos para o investimento externo direto (IED). Antes de 1992 os investimentos externo diretos não passavam dos 10 bilhões na China, não chegavam a 2 bilhões no Brasil. Na Índia os números só alcançaram mais de 2 bilhões em 1995 e a Rússia só começa a registrar investimentos externo diretos a partir de 1992.

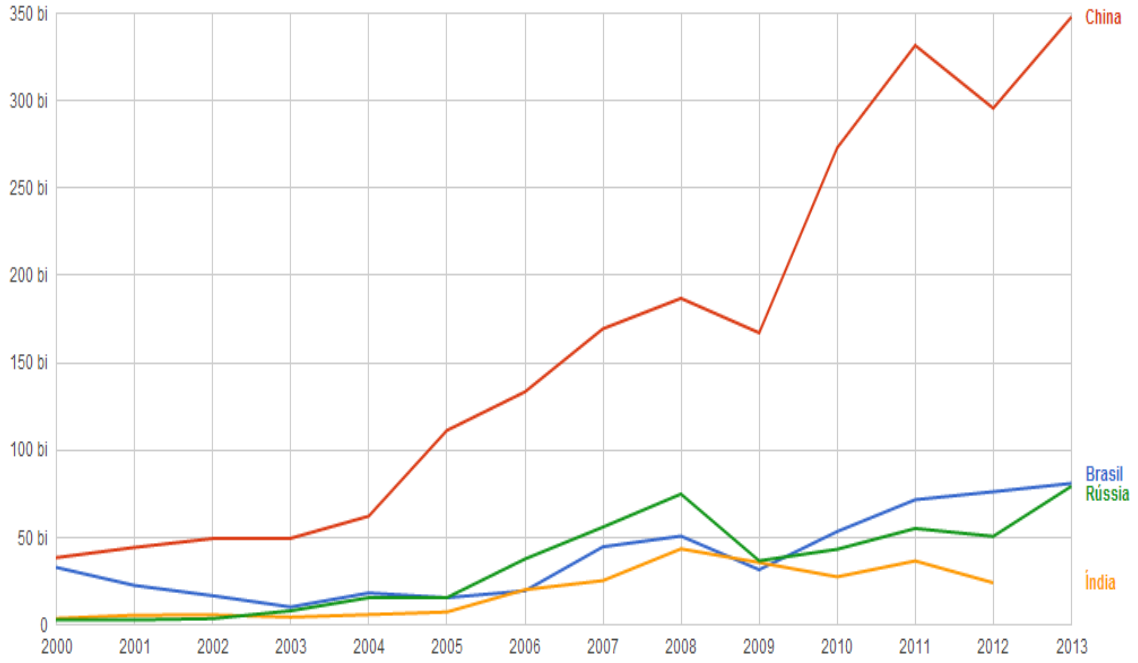
A China marcou 38,3993 bilhões de dólares em 2000, a partir desse ano manteve índices altos até chegar aos 186,7976 bilhões em 2008, tendo uma queda no índice para 167,0708 bilhões no ano seguinte. No ano de 2011 atingiu 331,5917 bilhões, sofrendo nova queda para 295,6256 bilhões em 2012. Em 2013 a China marcou o maior índice de investimentos externo diretos chegando aos 347,8487 bilhões.

A Rússia no ano 2000 tinha um índice de 2,7142 bilhões, manteve os índices contínuos, atingindo, oito anos mais tarde, 74,7829 bilhões. No ano seguinte os números caíram para 36,5831 bilhões. Em 2010 e 2011 manteve-se em 43,1678 bilhões e 55,0836 bilhões, respectivamente. Um ano mais tarde passou por uma nova queda dos investimentos externo diretos, marcando 50,5876 bilhões e, por fim, em 2013 marcou 79,2619 bilhões.

No ano 2000 o Brasil tinha seus números de investimentos externo diretos mais próximos da China, totalizando 32,7792 bilhões. A partir desse ano, os números passaram a se assemelharem mais com os da Rússia. Até 2003 os valores obtiveram uma queda significativa, obtendo 10,1435 bilhões naquele ano. A partir de 2003 os índices mantiveram um certo crescimento e atingiram, cinco anos mais tarde, 50,7164 bilhões. Em 2009 houve nova queda dos IED, atingindo 31,4809 bilhões, ficando abaixo de todos os outros BRICs. Posteriormente, os índices se mantiveram e, em 2013, marcaram 80,8927 bilhões, tornando-se o segundo em IED dos BRICs.

A Índia manteve-se a frente da Rússia no ano de 2000, tendo seu IED marcado 3,5842 bilhões. Subiu seus índices em 2001 e 2002 para 5,4719 bilhões e 5,626 bilhões de dólares, respectivamente. Em 2003 apresentou uma queda para 4,3227 bilhões. Nos anos que seguiram 2003, a Índia apresentou índices constantes, atingindo, em 2008, 43,4063 bilhões, o qual representou o pico dos investimentos externo diretos no país. Em 2009 sofreu uma queda ficando praticamente com os mesmos números da Rússia. No ano seguinte obteve nova queda marcando 27,3969 bilhões. No ano de 2011 seu índice cresceu para 36,4987 bilhões e, por fim, em 2012 registrou o mais baixo índice desde 2008, não passando de 23,9957 bilhões.

Esses dados são oriundos do Banco Mundial. O gráfico a baixo ilustra toda essa revisão de IED nos BRICs desde o ano 2000. Desse modo, faz-se necessário levantar algumas semelhanças entre as quatro economias. China, Rússia e Brasil atingem seu maior ponto de crescimento em 2012. As baixas, por outro lado, são observadas nos quatro países no ano de 2009, como reflexo da crise econômica mundial.



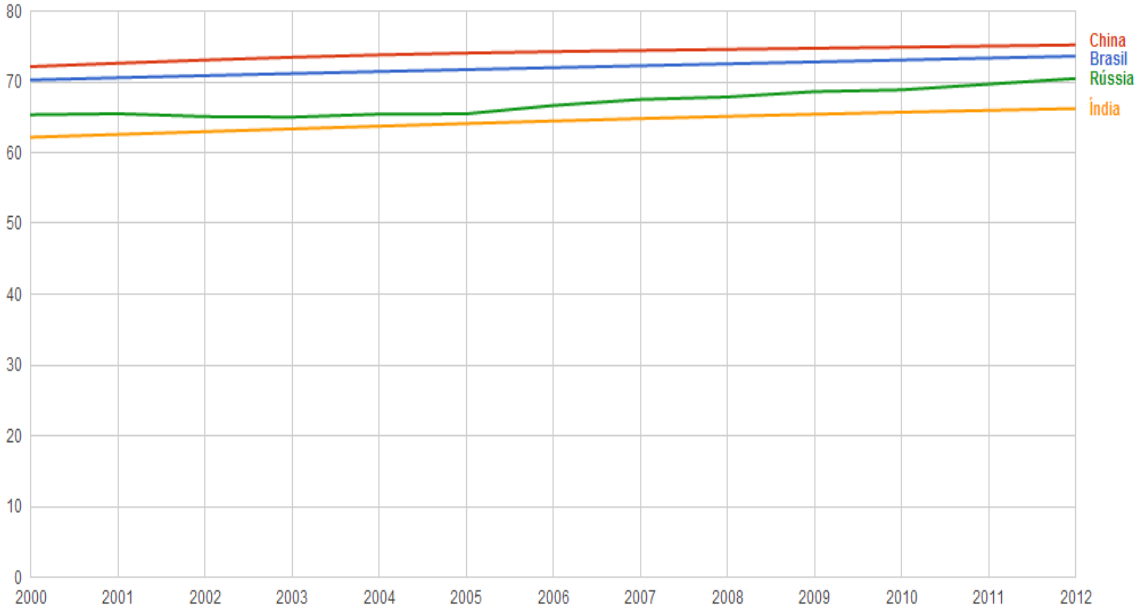
2.3 – Indicadores sociais – IDH

Primeiramente será abordado o critério da expectativa de vida nos países dos BRICs. A partir do ano 2000, os BRICs mantém uma linearidade no que diz respeito à longevidade da população. Os dados apresentados são retirados do Banco Mundial

A China e o Brasil, desde o ano 2000, vêm mantendo um aumento da expectativa de vida ano após ano. Mantiveram-se na faixa dos 70 anos, chegando a 75,2 e 73,62 anos, respectivamente.

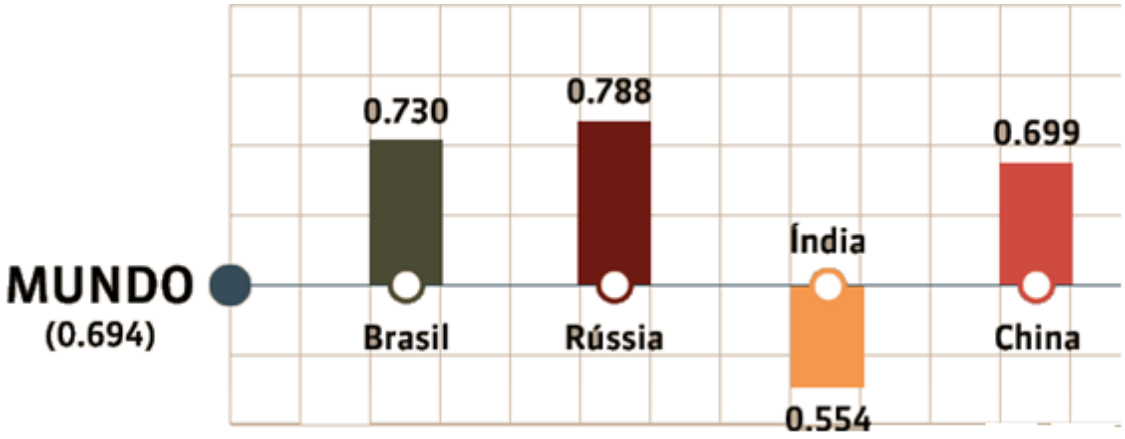
A Rússia e a Índia mantiveram uma taxa de longevidade parecida a parti de 2000. Os dois países subiram de 65,34 e 62,16 anos em 2000 para 69,66 e 65,96 anos em 2011, respectivamente. Porém, no ano seguinte a Rússia atingiu a marca de 70,46 anos, enquanto a Índia chegou a 66,21 anos.

O gráfico a baixo ilustra essa linearidade, em termos de longevidade, dos BRICs.



Outro critério que será proposto é a taxa de alfabetização, através de dados fornecidos pela PNUD-ONU, entre 2005 e 2010. A Rússia detém o maior índice de alfabetização dos BRICs, com taxas que chegam aos 99,6%. A China vem logo atrás com 94,3%. O Brasil detém um índice de 90,3% e a Índia chega apenas aos 62,8%

O IDH mundial, em uma escala de 0 a 1, atinge 0.694, segundo dados PNUD-ONU. A China chega aos 0.699, abaixo do Brasil, o qual marca 0.730. A Rússia tem o maior IDH dos BRICs, marcando 0.788 e a Índia não ultrapassa o índice de 0.554. O gráfico a baixo ilustra esses números.



3 – A CONSTITUIÇÃO DOS BRICS COMO BLOCO POLÍTICO NOS ANOS 2000

Os BRICs analisados pelos economistas da Goldman Sachs não foram concebidos enquanto um bloco político. O acrônimo criado por Jim O' Neil em 2001,

tem por base mostrar locais em que a economia dos países emergentes está crescendo e transformando tais países em um ambiente propício para investimentos de mercados internacionais. Contudo, a partir de 2006, o acrônimo foi aderido pelos chefes de Estados E, desse modo, passou a se caracterizar como um bloco político. Nesse processo de concepção do grupo enquanto um bloco político incorporou-se a África do Sul.

3.1 – As reuniões de cúpula

A partir da instituição dos BRICS como um bloco político, o grupo passou afazer reuniões de cúpula anualmente. A primeira reunião ocorreu na Rússia na cidade de Ecaterimburgo em 2009; a segunda aconteceu no Brasil na capital Brasília no ano de 2010. No ano seguinte a reunião foi em Sânya, na China. Em 2012 a reunião foi realizada em Nova Déli, Índia. Um ano mais tarde aconteceu em Durban, África do Sul. A última se deu no presente ano na cidade de Fortaleza, Brasil.

A reunião realizada na Rússia contou com Brasil, China, Índia e Rússia. A I cúpula visava posicionar de maneira mais concisa os quatro países frente ao G-20. Também foi pauta a crise econômica mundial, além das reformas das instituições financeiras internacionais. Nesta reunião foram dados os primeiros passos para a institucionalização do grupo.

A II cúpula aconteceu em Brasília. Naquela ocasião buscou-se dar segmento às negociações para a institucionalização do grupo. Foram tratados os temas da cooperação econômica, busca por uma maior atuação do grupo globalmente, além de reformas nas estruturas que compunham o cenário na época.

O ano de 2011 marca a incorporação da África do Sul ao grupo, na III cúpula que ocorreu em Sânya, na China. Na declaração de Sânya, os chefes de Estado oferecem boas vindas á África do Sul, buscando reforçar a cooperação com o país. No quarto ponto da declaração é exposto que:

> O século XXI deve ser marcado pela paz, harmonia, cooperação e desenvolvimento científico. Sob o tema 'Visão Ampla, Prosperidade Compartilhada', conduzimos discussões francas e aprofundadas, alcançando abrangente consenso sobre o fortalecimento da cooperação no BRICS, bem como sobre a promoção da coordenação em questões internacionais e regionais de interesse comum.

A cúpula adotou assuntos acerca do desenvolvimento sustentável e também sobre a preocupação com a volatilidade das commodities, pautando a dependência dos BRICS no que tange a exportações desses produtos de baixo valor agregado. Desse modo, a discussão da necessidade de desenvolvimento da inovação cientifica e tecnológica também foi pauta da reunião.

A IV cúpula dos BRICS realizada em Nova Délhi, Índia, teve como um dos principais temas as questões ambientais, uma vez que países do grupo estão entre os maiores poluidores mundiais, por isso da necessidade de criar meios sustentáveis de desenvolvimento. O Brasil, desenvolvendo esforços para a criação de energias renováveis, poderá ser importante figura sobre esse tema nos próximos anos.

Discutiu-se a necessidade de se conduzir políticas macroeconômicas responsáveis, a fim de se estimular o crescimento e a geração de empregos. Essas definições estão expostas no sexto ponto da Declaração de Nova Délhi:

> Nós acreditamos ser crucial para as economias avançadas adotar políticas macroeconômicas e fiscais responsáveis, que evitem acumulação excessiva de liquidez internacional e que empreendam reformas estruturais para estimular o crescimento que gera empregos. Chamamos a atenção para o risco de volumosos e voláteis fluxos transfronteiriços de capital que enfrentam economias emergentes. Instamos por mais ampla reforma com maior supervisão financeira internacional, com o fortalecimento de políticas de coordenação e regulação e de cooperação, bem como a promoção de sólidos desenvolvimentos dos mercados financeiros globais e sistemas bancários.

Em 2013 na cidade de Durban, África do Sul, realizou-se a V cúpula dos BRICS. A Declaração de e-Thekwini traz no seu quarto ponto um tema muito tocado durante a conferencia: a integração regional, desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza na África. O ponto seguinte trata do apoio ao processo de industrialização do continente e o desenvolvimento da infraestrutura em geral.

> No âmbito da Nova Parceria para o Desenvolvimento de África (NEPAD), apoiamos o processo de industrialização dos países africanos mediante estímulo ao investimento externo direto, ao intercâmbio de conhecimento, à capacitação e à diversificação das importações provenientes da África. Nós reconhecemos que o desenvolvimento da infraestrutura na África é importante e levamos em conta os avanços alcançados pela União Africana na identificação e no tratamento dos desafios de infraestrutura do continente por meio do desenvolvimento do Programa para o Desenvolvimento de Infraestruturas na África (PIDA), o Plano de Ação da UA/NEPAD para a África (2010–2015), a Iniciativa Presidencial de Patrocínio à Infraestrutura da NEPAD (PICI), bem como os Planos Mestres de Desenvolvimento Regional de Infraestruturas que identificaram projetos prioritários de desenvolvimento de infraestrutura fundamentais para promover a integração regional e a industrialização. Procuraremos estimular o investimento em infraestrutura, com base no benefício mútuo, para apoiar o desenvolvimento industrial, a criação de emprego, o desenvolvimento de competências, segurança alimentar e nutricional, bem como a erradicação da pobreza e o desenvolvimento sustentável na África. Reafirmamos, portanto, nosso apoio para o desenvolvimento sustentável da infraestrutura na África.

Talvez a pauta mais importante levantada na reunião foi a criação do Banco de Desenvolvimento dos BRICS, o qual foi exposto no nono ponto da declaração:

> Os países em desenvolvimento enfrentam desafios para o desenvolvimento da infraestrutura devido à insuficiência de financiamentos de longo prazo e de investimento externo direto, especialmente do investimento em capital. Isso restringe a demanda agregada global. A cooperação do BRICS no sentido da utilização mais produtiva dos recursos financeiros globais pode contribuir positivamente para o tratamento desse problema. Em março de 2012, instruímos os nossos Ministros das Finanças a analisar a factibilidade e a viabilidade de se criar um Novo Banco de Desenvolvimento para a mobilização de recursos para projetos de infraestrutura e de desenvolvimento sustentável nos BRICS e em outras economias emergentes e países em desenvolvimento, para complementar os esforços já existentes de instituições financeiras multilaterais e regionais para o crescimento global e o desenvolvimento. Em vista do relatório dos nossos Ministros das Finanças, estamos satisfeitos com a constatação de que o estabelecimento de o novo Banco de Desenvolvimento é factível e viável. Nós concordamos em estabelecer um Novo Banco de Desenvolvimento. A contribuição inicial ao Banco deverá ser substancial e suficiente para que ele seja efetivo no financiamento à infraestrutura.

A criação desse Banco, portanto, seria uma saída frente aos desafios que as economias emergentes enfrentam em questões de infraestrutura ligadas aos poucos financiamentos de longo prazo e de investimento externo direto.

A VI cúpula dos BRICS ocorreu em Fortaleza, no presente ano. O tema central dessa reunião era a efetivação da criação do banco dos BRICS, o que começara a ser discutido na cúpula anterior. Justificado nos mesmos motivos da reunião de 2013, o Banco de Desenvolvimento seria um meio de romper com as dificuldades de desenvolvimento da infraestrutura devido os poucos financiamentos de longo prazo e de investimento externo direto. Desse modo, os pontos onze e doze da Declaração de Fortaleza discorrem sobre a efetivação do Banco – tema retomado no item 3.3 desse trabalho.

Visando, portanto, fortalecer a cooperação entre os BRICS, bem como um crescimento forte, equilibrado e sustentável, buscando romper as dificuldades de desenvolvimento da infraestrutura é criado o Banco de Desenvolvimento dos BRICS.

3.2 – As propostas de reforma da ordem econômica internacional.

A partir das ideias vistas as declarações de Durban acerca do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza, é possível ter uma base das possíveis reformas da ordem econômica internacional com a emergência dos BRICS e a criação do Banco de Desenvolvimento.

A principal reforma que pode ocorrer é a de um desenvolvimento econômico inclusivo, em que, através do auxílio do Bando de Desenvolvimento, seria possível tirar mais pessoas da linha da pobreza, suprir o baixo índice de investimento externo diretos, aumentando as possibilidades de processamento de uma infraestrutura melhor.

Posteriormente, os empréstimos do Banco de Desenvolvimento criariam um ambiente favorável para o desenvolvimento da indústria desses países, promovendo uma melhora em qualificação técnica e profissional, além de melhoras estruturais para a inovação tecnológica. Desse modo, criar-se-ia um novo polo político econômico, o que daria margem para se competir contra antigos agentes econômicos internacionais. Essa inflexão verificaria a mudança no perfil do investimento externo direto. Essas perspectivas a respeito da condução político-econômica dos países emergentes trazem consigo um aumento das possibilidades dos BRICS em terem maior representatividade nas organizações internacionais. Conseguindo adquirir maior representatividade, os BRICS, bem como outros emergentes, verão uma ordem econômica internacional mais igualitária.

3.3 – O Banco de Desenvolvimento e o Fundo de Convergência.

Durante a cúpula de Durban na África do Sul foi quando ganhou força a ideia da criação do Bando de Desenvolvimento dos BRICS. Contudo, a ideia só se concretizaria a um ano mais tarde durante a VI cúpula dos BRICS em Fortaleza.

O Banco de Desenvolvimento dos BRICS tem como objetivo possibilitar melhoras de infraestruturas nos países emergentes por meio de empréstimos e investimentos, visando impulsionar o crescimento nesses países.

Através da criação do Bando e do Fundo de Convergência, os BRICS, bem como outros países emergentes, teriam possibilidade de se defenderem de crises econômicas internacionais, pois, na medida em que se deflagra uma crise, o investimento diminui, além das concessões de empréstimos, o que, por conseguinte, gera impactos em âmbito doméstico nesses países.

Os tópicos onze e doze da Declaração de Fortaleza caracterizam o objetivo central da criação do Banco e como será sua estrutura inicial.

> Os BRICS, bem como outras economias de mercado emergentes e países em desenvolvimento, continuam a enfrentar restrições de financiamento significativos para lidar com lacunas de infraestrutura e necessidades de desenvolvimento sustentável. Tendo isso presente, temos satisfação em anunciar a assinatura do Acordo constitutivo do Novo Banco de Desenvolvimento, com o propósito de mobilizar recursos para projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável nos BRICS e em outras economias emergentes e em desenvolvimento. Manifestamos apreço pelo trabalho realizado por nossos Ministros das Finanças. Com fundamento em princípios bancários sólidos, o Banco fortalecerá a cooperação entre nossos países e complementará os esforços de instituições financeiras multilaterais e regionais para o desenvolvimento global, contribuindo, assim, para nossos compromissos coletivos na consecução da meta de crescimento forte, sustentável e equilibrado.

> O Banco terá capital inicial autorizado de US$ 100 bilhões. O capital inicial subscrito será de US$ 50 bilhões, dividido igualmente entre os membros fundadores. O primeiro presidente do Conselho de Governadores será da Rússia. O primeiro presidente do Conselho de Administração será do Brasil. O primeiro Presidente do Banco será da Índia. A sede do Banco será localizada em Xangai. O Centro Regional Africano do Novo Banco de Desenvolvimento será estabelecido na África do Sul concomitantemente com sua sede. Instruímos nossos Ministros das Finanças a definir as modalidades para sua operacionalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como foco a revisão das projeções feitas pelos economistas da Goldman Sachs acerca dos BRICs, passando pelos artigos de 2001, 2003, 2004, 2005 e a revisão feita por Jim O' Neil no ano de 2010. Partindo dessa revisão das projeções, foi proposto observar a concepção dos BRICs enquanto um bloco político no ano de 2006 e a incorporação da África do Sul em 2012. Posteriormente tratou-se da criação do Banco de Desenvolvimento dos BRICS e os seus desdobramentos no que tange uma nova ordem econômica internacional.

Se, pela visão pessimista, os BRICs idealizados no ano de 2001 não alcançariam seus respectivos potenciais, o processo de constituição do grupo enquanto um bloco político em 2006 mostrou o contrário. A união intergovernamental desses países refutou a ideia pessimista de que o grupo não passava de um grupo desintegrado, ao passo que desde 2009 foram realizadas reuniões de cúpula entre os países e na cúpula de Sânya foi incorporada a África do Sul ao bloco.

A reunião realizada em Fortaleza, a qual culminou na criação do Banco Desenvolvimento dos BRICS, é a demonstração de que os BRICS não constituem somente idealizações não concretizadas, mas pelo contrário, formam um bloco que começa a aumentar sua importância no cenário internacional.

Indubitavelmente há muito para se avançar em questões de desenvolvimento sustentável, de inclusão social, de estabilização da macroeconomia e dos avanços tecnológicos, como fora exposto por Dominic Wilson em "Dreaming With BRIC: the path 2050" no ano de 2003.

Observando as projeções e, posteriormente, analisando a criação do Banco de Desenvolvimento, pode-se dizer, portanto, que os BRICS saíram das idealizações e estão transformando as projeções em realidade. Sem dúvida a criação do Banco é um grande passo para que os BRICS se fortaleçam e aumentem consideravelmente sua importância no cenário político-econômico internacional.

REFERÊNCIAS

JESUS, Diego Santos Vieira De Nova York a Durban: o processo de institucionalização do BRICS. OIKOS (Rio de Janeiro), Vol. 12, No 1, 2013.

MOREIRA Jr., Hermes. FIGUEIRA, Mauro S. O Banco dos BRICS e os cenários de recomposição da ordem internacional. Boletim Meridiano 47, Vol 15, No 142, 2014.

O´NEILL, Jim. Building Better Global Economic BRICs . Global Economics Paper No: 66 Goldman Sachs, 2001

O´NEILL, Jim. PURUSHOTHAMAN, Roopa. LAWSON, Sandra. The BRICs and Global Markets: Crude, Cars and Capital. Global Economics Paper No: 114.Goldman Sachs, 2004.

O´NEILL, Jim. WILSON, Dominic. PURUSHOTHAMAN, Roopa. STUPNYTSKA, Anna. How Solid are the BRICs?. Global Economics Paper No: 134. Goldman Sachs, 2005

O´NEILL, Jim. O mapa do crescimento: oportunidades econômicas nos BRICs e além deles. Rio de Janeiro: Globo, 2012

WILSON, Dominic. PURUSHOTHAMAN, Roopa. DreamingWith BRICs: The Path to 2050 Global Economics Paper No: 99. Goldman Sachs, 2003.